

arquivo



administração

**PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS**

V.12, Ed. Especial, 2012



s. 75702 Clas. PER
arquivo & Administração
12 n.Especi
12 ex.2



O que é a AAB

A Associação dos Arquivistas Brasileiros - AAB, fundada em 20 de outubro de 1971 com a finalidade de dignificar socialmente a profissão, é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública no Estado do Rio de Janeiro, de acordo com o Decreto nº 1200, de 13 de abril de 1977. Promove o Congresso Brasileiro de Arquivologia e edita a Revista Arquivo & Administração desde 1972, além de promover o Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, desde 2005.

É membro integrante do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ, do Conselho Internacional de Arquivos - CIA e da Associação Latino Americana de Arquivos - ALA.

Principais Objetivos

- Cooperar com organizações nacionais e internacionais, públicas e privadas, em tudo que se relacionar com arquivos;
- Promover, por todos os meios, a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho de arquivo, organizando ciclos de estudos, conferências, cursos, seminários, congressos e mesas redondas;
- Estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres;
- Prestar consultoria, assistência e serviços técnicos.

Serviços que a AAB oferece

- Consultoria;
- Assistência técnica;
- Indicação de profissionais e estagiários;
- Organização de congresso, seminários, cursos e palestras;
- Curso *in company* específicos para atender às necessidades das empresas.

Quadro Associativo

Podem ser admitidos como sócios da AAB, sem qualquer discriminação, as pessoas que exercem atividades arquivísticas, as que se interessem pelos objetivos da Associação, além das empresas públicas e privadas.

 **Associação dos
Arquivistas
Brasileiros**

aab@aab.org.br
Av. Presidente Vargas, 1733 - sala 903
CEP: 20210-030 - Centro - Rio de Janeiro
Tel/Fax: 55 (21) 2507-2239 / 3852-2541

arquivo & administração

v. 12, Ed. Especial

2012

SUMÁRIO

| | |
|-----------|---|
| EDITORIAL | 3 |
| ARTIGOS | 7 |
| | Natalis de Wailly, les archives et l'érudition Bruno Delmas |
| | 15 Natalis de Wailly, os arquivos e a erudição tradução de Natália Bolfarini Tognoli |
| | 23 A vida e os trabalhos de M. Joseph-Natalis de Wailly Henri Wallon tradução de Natália Bolfarini Tognoli |

Arq. & Adm. Rio de Janeiro v.12 Ed. Especial 2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela bibliotecária Eloísa Helena P. Almeida - CRB7-2935

Arquivo & administração / Associação dos Arquivistas Brasileiros.
Ano 1, n. 0 (1972) . - Rio de Janeiro: AAB, 1972-

v. : il.

Semestral

ISSN 0100-2244

1. Arquivo- Periódico. 2. Gestão de documentos - periódico.
I. Associação dos Arquivistas Brasileiros.

CDD: 025.171

Req. F5.F02 BmWelo

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

Membros da Diretoria e do Conselho Editorial

Diretoria

Presidente: Lucia Maria Velloso de Oliveira

1º Vice-presidente: Margareth da Silva

2º Vice-presidente: Isabel Cristina Borges de Oliveira

Secretário Geral: Leila Estephano de Moura

1º Tesoureiro: Renata Silva Borges

Conselho editorial

Lucia Maria Velloso de Oliveira

José Maria Jardim

Maria Celina Soares de Mello e Silva

Paulo Roberto Elian dos Santos

Sérgio Conde de Albite e Silva

Eduardo Ismael Murguía

Editorial

A publicação da revista Arquivo & Administração durante quarenta anos, deve chamar nossa atenção para refletirmos sobre seu significado. Ela é fruto do esforço contínuo e ininterrupto dos membros de uma associação profissional empenhada na consolidação científica de uma área, tornando-se um espaço para reflexões e troca de experiências profissionais e acadêmicas, e oferecendo assim um rico celeiro de apontamentos práticos e teóricos para os interessados na arquivística.

O empenho, por vezes heróico, na continuidade e seriedade de quatro décadas, merece ser comemorado. Além de contribuir para a recordação de um acontecimento, as comemorações servem também para a construção das identidades. Assim, pretendemos que este número lembre e contribua para responder às necessidades de identificação olhando para a origem da arquivística.

A escolha do assunto para este momento especial, não poderia ser mais feliz do que a própria personalidade do fundador (intencional ou não) do princípio pelo qual haveria de se constituir uma prática e um saber arquivísticos: Natalis de Wailly. Impossível que algum profissional arquivista não tenha ouvido falar de tal personagem. Porém, fora o fato de ser um funcionário administrativo francês do século XIX, pouco sabemos sobre ele, restando sempre a vontade de querer conhecer mais sobre sua biografia. Por este motivo, resolvemos preencher esse vácuo e contribuir para o entendimento da arquivística através da sua vida. Assim, a eleição do tema é, simultaneamente, uma homenagem à revista e também ao fundador do que viria a ser uma área de saber.

O texto central que apresentamos nesta edição, inédito em língua portuguesa, é um discurso em homenagem póstuma - pronunciado por Henri Wallon, secretário perpétuo da Academia das Inscrições e Belas Letras - ao ilustre membro Natalis de Wailly, em 1881. Esse pronunciamento traz importantes dados sobre a vida e personalidade de Natalis de Wailly, descritos por alguém que foi próximo a ele durante sua existência. Cabe mencionar, a título de curiosidade, que o texto foi achado por acaso no site da Biblioteca Nacional da França. Durante três anos, esperamos por um meio de publicação com autoridade e alcance reconhecidos na comunidade arquivística. Novamente, o acaso fez com que o encontro com a Dra. Lucia Velloso possibilitasse sua publicação aqui na Arquivo & Administração.

Um documento tão importante - do ponto de vista do seu ineditismo, raridade e utilidade - requeria uma apresentação à sua altura. Por isso, procuramos o professor Bruno Delmas, destacado arquivista francês de reconhecimento internacional por suas publicações sobre arquivos. O autor oferece um artigo explicativo e introdutório no qual não somente contextualiza e destaca a importância de Natalis de Wailly, como também acrescenta dados relevantes de sua biografia.

Outra importante contribuição foi oferecida por Natalia Tognoli, aluna de doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Foi ela quem diligentemente traduziu o texto central e o artigo do professor Delmas, de forma apurada e aprimorada. A tradução do texto de Henri de Wallon procura manter o equilíbrio

entre o estilo acadêmico francês do XIX e o entendimento do leitor brasileiro contemporâneo.

Dessa maneira, apresentamos este número com a intenção de continuar contribuindo para os objetivos da revista e na expectativa que seja recebida pela comunidade geral, e em especial a arquivística, com o respeito que ambos, Natalis de Wailly e Arquivo & Administração, merecem.

Eduardo Ismael Murguia

PPGCI/UFF

PPGCI/UNESP-Marília



Copyright Archives Nationales (France) Atelier de photographie.
Imagem de Natalis de Wailly [1870]

Natalis de Wailly, les archives et l'érudition

Le texte que l'on va lire ci-dessous est l'hommage qu'Henri Wallon, secrétaire perpétuel de l'Académie des inscriptions et belles-lettres, rend à son confrère Natalis de Wailly, décédé le 4 décembre 1886, au cours de la séance publique annuelle de l'Académie des inscriptions et belles-lettres le 23 novembre 1888¹. *La Grande Encyclopédie* (1902) consacre à Natalis de Wailly une notice éloquente quoique brève : « Il fut archiviste aux Archives nationales (1830), puis conservateur des manuscrits à la Bibliothèque nationale (1854-1870).[...] Il eut une influence considérable sur la réorganisation des archives et des bibliothèques². » Il faut donc rappeler ici le contexte et les circonstances de cet hommage et préciser certains points de sa vie et de son action. Natalis de Wailly, homme d'action et homme d'études, est pleinement un homme du XIXe siècle : sa vie en illustre les mouvements de renouveau et de modernité d'un point de vue politique et administratif, scientifique, social et religieux, mais aussi les permanences.

L'hommage est prononcé par Henri Wallon. Né en 1812, ancien élève de l'École normale, professeur d'histoire, suppléant de Guizot à la Sorbonne, Wallon est secrétaire de la commission pour l'abolition de l'esclavage. Élu député en 1849 il poursuit son enseignement à la Sorbonne. Il est élu membre de l'Académie des inscriptions et belles-lettres en 1850. Député de centre droit en 1871, il fait voter le 30 janvier 1875 l'amendement qui porte son nom et qui établit la République. La part qu'il prit à la rédaction des lois constitutionnelles de la Troisième République lui valut le surnom de « Père de la Constitution ». Par la suite, il s'opposa à la laïcisation des écoles congréganistes. Doyen de la faculté des lettres de Paris (1876-1887), il a publié un grand nombre d'ouvrages sur l'histoire et la religion. Les deux hommes, de la même génération, sont très proches par leurs opinions, idées et travaux. Secrétaire perpétuel de l'Académie des inscriptions depuis 1873, c'est à ce titre qu'il prononce son éloge.

Joseph-Noël, dit Natalis de Wailly, est né à Mézières dans les Ardennes le 10 mai 1805 où son père était contrôleur principal des contributions indirectes. Il descendait d'un grammairien amiénois réputé et d'un marchand brasseur ardennais. Après des études classiques au lycée Henri-IV à Paris, dont son oncle paternel était le proviseur, il obtint une licence en droit en 1827. Il se fit recevoir avocat et collabora aux journaux d'opposition libérale monarchique au régime de la Restauration : *Le Globe*, où il rencontra l'historien François Guizot qui fut son protecteur, et en 1830 *Le National*. François Guizot, orateur éloquent, chef de file du parti des « Doctrinaires » et homme politique marquant de la Monarchie de Juillet et

¹ Bien que ni Natalis de Wailly, ni Henri Wallon ne soient des anciens élèves de l'École des chartes, la *Bibliothèque de l'École des chartes* publie « Notice sur la vie et les travaux de Joseph-Natalis de Wailly », t. 49 (1888), p. 581-648. Paul Meyer, publie également sa nécrologie dans *Romania*, XVI (1887), p. 162-166.

² Le *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle* de Pierre Larousse ne cite que ses travaux érudits.

ministre de Louis-Philippe presque sans interruption (1830-1848). Il conduit une politique novatrice en matière d'instruction publique, de monuments historiques. Il est l'initiateur de l'histoire romantique avec en particulier la création de la commission de publication des documents inédits sur l'histoire de France.

La vie de Natalis de Wailly comporte trois époques et trois constantes : celle des Archives nationales dure vingt-quatre ans (1830 – 1854), celle de la Bibliothèque nationale seize ans (1854 – 1870) et celle de la charité seize ans également (1870 – 1886). À chacune de ces époques, il se révèle à la fois comme le modernisateur des institutions dont il a la charge, un « homme de lettres », dont les travaux érudits se confondent avec ses responsabilités administratives³ et ses activités à l'Académie des inscriptions, et enfin comme un catholique engagé dans l'action sociale.

Guizot, au moment de l'accession de Louis-Philippe au trône de France en 1830 est ministre de l'Intérieur. Il prend Natalis de Wailly comme sous-chef de cabinet et rappelle Daunou à la tête des Archives nationales. Il lui impose, trois mois plus tard au moment où il quitte le ministère, le jeune Wailly, comme chef de la section administrative des Archives nationales, en même temps que Jules Michelet à la tête de la section historique. Aux Archives, Wailly, sans autre expérience que ses études de droit et trois mois d'administration au ministère, est envoyé par Guizot pour la mise en ordre des documents versés en grand nombre aux Archives et qui s'y entassent sans être traitées. La section administrative a en effet en charge des archives antérieures à la Révolution française : du Conseil du roi (série E), des administrations financières (série G) et des administrations locales (série H), plus celles du ministère de l'Intérieur (série F). Celle-ci représente la part la plus grande, la plus utile et la seule qui s'accroisse tous les ans d'envois des directions et bureaux du ministère. De fait, quelques semaines après son arrivée, Wailly propose un classement général des dossiers dans le cadre des départements et des communes qui sont le cadre territorial de l'action du ministère. Daunou n'accepte pas le projet qui se fonde sur les seules circonscriptions territoriales de la France et lui demande de tenir compte des actions du ministère. À l'époque le ministère de l'Intérieur regroupe presque toutes les administrations civiles, à l'exception de la justice, des affaires étrangères, des finances, de l'instruction et des cultes.

Prenant alors appui sur le cadre général de classement pour le ministère de l'Intérieur établi par Daunou en 1811, Wailly imagine vingt subdivisions qui correspondent aux grandes fonctions administratives du ministère (personnel,

³ Françoise Hildesheimer, « Du triage au respect des fonds. Les archives de France sous la Monarchie de Juillet », dans *Revue historique*, t. 286 (2), 1991, p. 295-312, et, « Les Archives nationales au XIXe siècle, établissement administratif ou scientifique ? », dans *Histoire et archives*, n°1, 1997, p. 105-135. Denise Ogilvie, « De Daunou à Natalis de Wailly : le cadre de classement à l'épreuve du respect des fonds », dans *Archives, archivistes, archivistique dans l'Europe du Nord-Ouest du Moyen Âge à nos jours*, 2006, p. 293-301. Jean-Baptiste Auzel, « Natalis de Wailly : aux sources de l'archivistique contemporaine » dans *Les Archives nationales des lieux pour l'histoire de France*, Paris, 1888, p.110-111.

administration départementale, administration communale, comptabilité générale, comptabilité départementale, comptabilité communale, police générale, police sanitaire, police militaire, agriculture, subsistances, commerce, etc.). Ces fonctions sont plus stables que les structures administratives, divisions et bureaux. Cette stabilité est essentielle si on veut établir un cadre de classement permanent. Le problème ainsi posé, le classement des dossiers se fait non pas selon les structures administratives, c'est-à-dire les sous-fonds, mais selon les grandes fonctions. Ainsi, le juriste Wailly donne la primauté aux objets de l'action administrative appelés « matières » et introduit dans l'interprétation du mot, qui a plusieurs sens, un risque de confusion par les hommes de lettres. Lorsque tel est le cas, ceux-ci sont alors conduits à retirer certains dossiers des sous-fonds des bureaux ou directions auxquels ils appartiennent pour les ranger sous d'autres fonctions comme on peut l'imaginer à l'énumération des quelques subdivisions présentées plus haut. On s'en est rapidement rendu compte, mais il a fallu du temps dans la pratique pour interpréter ce cadre sans dommages. Les subdivisions de Wailly subsistent aujourd'hui. Le système a été développé, mais dans le strict respect des fonds. La série F comprend actuellement plus de soixante-dix sous-séries. Elles correspondent à autant de ministères, existants ou ayant existé, démembrés au cours du temps du ministère de l'Intérieur.

Alors qu'il est devenu ministre de l'Instruction publique (1832-1837), Guizot crée en 1834 la commission de publication des documents inédits sur l'histoire de France, confiée à Augustin Thierry la publication des documents pour servir à l'histoire du tiers état, et charge Wailly de rédiger un précis à l'usage des hommes de lettres qui travaillent à ces entreprises de publication dont les élèves de l'École des chartes font partie. En 1838 paraît les *Eléments de paléographie* dédié à Guizot. Il s'agit en réalité d'un nouveau manuel de diplomatique⁴. Natalis de Wailly le dit clairement dans la préface. Le plan en quatre parties : chronologie, style et typologie des documents, paléographie et sceaux, le montre suffisamment⁵. Le manuel eut une longue carrière et ne fut remplacé qu'en 1894 par le *Manuel de diplomatique* d'Arthur Giry. Wailly prolonge et approfondit cette publication par des recherches particulières sur la chronologie, la valeur des monnaies et surtout la sigillographie. Il soutient Douët d'Arceq dans la création de la collection des sceaux et moulages du service des sceaux des Archives nationales et du musée de sigillographie, ancêtre du Musée de l'histoire de France. Ses compétences érudites le conduisent à enseigner à l'École des chartes qu'il a dirigée un temps et le font entrer à l'Académie des inscriptions et belles-lettres dès 1841, il a trente-six ans.

Dans le même temps, Tanneguy Duchâtel, comme lui ancien collaborateur du *Globe*, ministre de l'Intérieur (1839-1848), engage une grande politique en faveur

⁴ Bruno Delmas, « Naissance et renaissance de l'archivistique française », dans *La Gazette des archives*, Paris : Association des archivistes français, nouvelle série, 2006-4, n° 204, p. 5 – 32 (« Les archives en France »).

⁵ Natalis de Wailly, *Eléments de paléographie pour servir à l'étude des documents inédits de l'histoire de France*, Paris, 1838, p. iv-v.

des archives départementales et communales qui dépendent de lui⁶ et dans laquelle Wailly joue un rôle éminent en raison des relations qu'il entretient avec le ministre et de ses compétences en matière d'archives du ministère. Il est naturellement nommé membre de la commission des archives départementales et communales⁷ et se trouve être l'inspirateur de la réglementation des archives locales et notamment de la notion de fonds d'archives, du principe de respect des fonds et du cadre de classement des archives départementales et communales⁸. Avec les archives départementales, il trouve une situation comparable à celle qu'il a trouvée dix ans plus tôt aux Archives nationales avec la section administrative : des fonds de l'Ancien Régime, fonds clos, et un fonds ouvert, celui de la préfecture qui correspond à celui du ministère de l'Intérieur à l'échelon départemental. De l'expérience des Archives nationales, il retire les grandes séries fonctionnelles et institutionnelles. À l'intérieur de ces séries on regroupe les fonds des institutions qui assurent des fonctions similaires. Ainsi émerge la notion de fonds, ensemble des documents produits par une personne et le principe de respect des fonds. On ne peut que reprendre le texte de Wailly : « rassembler les différents documents par fonds, c'est-à-dire former collection de tous les titres qui proviennent d'un corps, d'un établissement, d'une famille ou d'un individu ». Pour ce qui concerne les fonds clos de l'Ancien régime, les choses sont simples (séries de A à I). Pour les fonds ouverts de la préfecture ou des grands services des autres ministères présents à l'époque dans le département, il applique cette méthode aux documents du ministère de l'Intérieur (séries M personnel et administration générale de la préfecture, N administration départementale, O administration communale, X établissements de bienfaisance, Y établissements de répression), et des autres ministères : Finances (P finances et Q domaines), guerre (R), travaux publics (S), Instruction publique (T), justice et cultes (U et V). Ainsi a-t-on une situation mixte dans un pays très centralisé, soit des séries qui regroupent les fonds des services assurant la même fonction (les tribunaux et la Justice :), soit, pour les préfectures, plusieurs séries correspondants chacune à des services assurant des fonctions spécialisées, bien différentes par leur objet et leur technique, telles qu'elles étaient en 1841.

À l'intérieur du fonds, Wailly préconise de classer les documents par « matières ». Ce terme est ambigu pour nous aujourd'hui où il a pris un sens particulier en bibliothéconomie. En archivistique, il faut entendre par matière, objet de l'action administrative, c'est-à-dire regrouper dans un fonds les dossiers assurant le même type d'action (fonction) sur des objets du même type (série organique).

⁶ Tanneguy Duchâtel, *Rapport au Roi sur les archives départementales et communales*, Paris, 1841.

⁷ Cette commission des archives départementales et communales près le ministère de l'Intérieur est créée par arrêté du 6 mai 1841.

⁸ Natalis de Wailly inspire la rédaction des textes suivants : *Instructions pour la garde et la conservation des archives* (Paris, 8 août 1839) ; *Instructions pour la mise en ordre et le classement des archives départementales et communales* (Paris, 24 avril 1841) ; *Règlement général des archives départementales* (6 mars 1843) ; *Instructions relatives à la conservation et à la mise en ordre des archives des communes* (Paris, 16 juin 1842).

Tous les fondements de l'archivistique contemporaine ne sont pas et ne pouvaient pas être explicités en détail en 1841. Mais ces notions fondamentales se sont développées avec l'administration elle-même et se fondent toujours sur les bases formulées par Natalis de Wailly.

Après la chute de Guizot, il entre en conflit avec le nouveau garde des Archives nationales Armand de Chabrier et quitte en 1854 à son corps défendant les Archives nationales. Natalis de Wailly devient conservateur du département des manuscrits à la Bibliothèque impériale (1854-1870). Il le réorganisa profondément par la mise en place d'un nouveau classement, avec le même esprit de méthode et la même activité systématique qu'il avait manifesté aux Archives. Il marqua ainsi d'une empreinte durable son passage à la Bibliothèque. Tout en respectant les collections de manuscrits constituées et bien identifiées, il classa les manuscrits selon les langues des textes (latins, français, grecs, allemands, anglais, etc.), organisation qui subsiste aujourd'hui. Il entreprit leur inventaire systématique et réalisa celui des 50 000 manuscrits français. Il faut dire un mot de ce qu'est ce département des manuscrits. Il conserve, ce que nous appelons aujourd'hui des manuscrits, c'est-à-dire des originaux d'œuvres littéraires ou scientifiques. Mais à l'époque, les manuscrits de la bibliothèque consistaient surtout en des collections de documents d'archives réunies aux XVIIe et XVIIIe siècles : collections Colbert, Baluze, Clairambault, Dupuy, le cabinet des titres et généalogies et surtout Moreau avec le cabinet des chartes (1 834 volumes d'originaux ou de copies). Ces collections étaient entrées à différents titres à la Bibliothèque royale pour y être mises à la disposition des hommes de lettres ou érudits. La loi du 7 messidor an II (25 juin 1794) relative aux Archives avait stipulé que les archives devaient faire l'objet d'un triage et que les documents utiles aux lettres, sciences et arts seraient versés à la Bibliothèque nationale. Cette disposition resta valide jusqu'en 1846, même si elle fut inégalement appliquée. Il n'y avait là rien d'extraordinaire à ce qu'on lui confie un tel service. Enfin, dans la vocation ancienne de la Bibliothèque royale, il donna aux chercheurs accès aux inventaires, ce qui était nouveau à l'époque car ceux-ci, en général manuscrits ou sur fiches, étaient jusque là considérés comme des instruments de travail internes au service et réservés aux bibliothécaires, ou aux archivistes dans les Archives, qui les alimentaient.

Dans cette époque d'élaboration d'une science plus méthodique, on voulut clarifier la répartition des collections entre les grandes institutions de conservation. En 1858, une commission instituée par le ministre de l'Instruction publique, dont le rapporteur était Prosper Mérimée, fut créée pour préconiser des échanges entre les institutions. Ses recommandations furent en général suivies et ainsi la Bibliothèque nationale reçut le cabinet de numismatique de la Monnaie de Paris. Seules celles qui concernaient les Archives furent rejetées. Lorsque la Bibliothèque impériale rejoignit les Archives nationales dans les attributions du ministère d'État, une nouvelle commission est instituée le 22 avril 1861 pour reprendre la question des échanges entre les deux institutions, sous la présidence du maréchal Vaillant ministre d'État et dont le rapporteur était Félix Ravaisson. Son rapport se fondait sur la nature des archives et conduisait à la demande de restitution aux Archives nationales des

documents d'archives du département des manuscrits de la Bibliothèque qui, par les hasards de l'histoire, se trouvaient à la Bibliothèque nationale. Ils mutilaient ainsi les fonds qui se trouvaient normalement aux Archives nationales, telles les collections citées plus haut⁹. Natalis de Wailly le contesta immédiatement et prépara avec son adjoint Léopold Delisle la réponse. Il opposa à l'argument de la nature intrinsèque des archives et de la nécessaire réunion des fonds, et à l'inverse de la doctrine qu'il avait formulée si clairement pour les archives départementales, celui de l'utilisation historique des archives qui était l'apanage de la Bibliothèque depuis l'origine. L'affaire en resta là¹⁰.

C'est à partir de ce moment là qu'il publie ses travaux d'érudition notamment les éditions critiques de Joinville (1868 et 1874) et de Villehardouin (1872). Au cours de cette période, son activité érudite au sein de l'Académie ne cessa point. Ainsi continua-t-il la publication de textes pour le *Recueil des historiens des Gaules et de la France* de l'Académie des inscriptions et belles-lettres (t. XXI, XXII, XXIII) et des éditions multiples de Joinville¹¹ et Villehardouin, éditions critiques, éditions adaptées au français moderne. Il poussa le travail de restauration minutieuse du texte et de reconstitution érudite de la langue, comme le faisait à la même époque pour les monuments historiques des architectes comme Viollet le Duc, en utilisant l'orthographe et la langue des actes de Joinville pour rétablir le texte le plus proche de l'original, texte altéré par les copistes et qui ne nous est parvenu que dans des manuscrits tardifs.

En 1870, il renonce à toutes ses fonctions à la bibliothèque, à l'École des chartes pour se consacrer à des œuvres de bienfaisance. Il faut dire un mot de la troisième vie de Natalis de Wailly. Très jeune, il avait été marqué par la perte (1834) de sa femme et de son nouveau-né. Resté veuf inconsolable, il ne se remaria pas et se consacra son temps libre à des œuvres de charité. En septembre 1870, à soixante-cinq ans, en pleine possession de ses moyens, il demanda sa mise à la retraite et résilia toutes ses fonctions et responsabilités administratives, pour s'occuper désormais de sa mère pendant le siège de Paris (1870-1871). Il se consacra ensuite pleinement à ses œuvres de piété et de charité dans sa paroisse de Passy, de soutien aux écoles catholiques, notamment l'école professionnelle des frères des écoles chrétiennes créée en 1839, dont il présida longtemps le Comité et qui existe toujours, aussi réputée, sous le nom de Passy-Buzenval actuellement située à Rueil-Malmaison. Parallèlement, il poursuivit ses travaux scientifiques dans le cadre de l'Académie des inscriptions, et les orienta selon ce qui correspondait à ses

⁹ Félix Ravaisson, *Rapport adressé à son Excellence le ministre d'État au nom de la commission instituée le 22 avril 1861*, Paris, 1862, 371 p.

¹⁰ Natalis de Wailly, *La Bibliothèque impériale et les Archives de l'empire. Réponse au rapport de M. Ravaisson*. Paris, 1863, 40 p.

¹¹ Natalis de Wailly, *Œuvres de Jean, sire de Joinville, comprenant l'histoire de saint Louis, le Credo et la lettre de Louis X, avec un texte rapproché du français moderne et mis en regard du texte original, corrigé et complété à l'aide des anciens manuscrits et d'un manuscrit inédit*, Paris, 1867.

aspirations en préparant la traduction de *l'Imitation de Jésus-Christ* (1885). Il décéda en décembre 1886, après une courte maladie, achevant ainsi un parcours administratif, archivistique, érudit, caritatif et spirituel remarquable et fécond.

Bruno Delmas

Professeur à l'École des chartes

Natalis de Wailly, os arquivos e a erudição

O texto a seguir, é uma homenagem que Henri Wallon, secretário perpétuo da Academia das Inscrições e Belas Letras (*l'Académie des inscriptions et belles-lettres*), presta a seu colega Natalis de Wailly, que viria a falecer no dia 04 de dezembro de 1886, durante a reunião pública anual da Academia, em 23 de novembro de 1881¹. A Grande Enciclopédia (*La Grande Encyclopédie*) (1902) dedica a Natalis de Wailly um resumo eloquente, porém, breve: "Ele foi arquivista dos Arquivos Nacionais (1830), depois conservador dos manuscritos da Biblioteca Nacional (1854-1870) [...]. Teve uma influência considerável na reorganização dos arquivos e das bibliotecas²". Deve-se, portanto, lembrar, aqui, o contexto e as circunstâncias desta homenagem, e precisar alguns pontos de sua vida e de suas ações. Natalis de Wailly, homem ativo e estudioso, foi, certamente, um homem do século XIX: sua vida nos deu prova desses movimentos de renovação e de modernidade sob um ponto de vista político e administrativo, científico, social e religioso, mas também de perenidades.

A homenagem é prestada por Henri Wallon. Nascido em 1812, aluno da escola normal, professor de História, suplente de Guizot na Sorbonne, Wallon foi secretário da comissão pela abolição da escravatura. Eleito deputado em 1849, continuou seus estudos na Sorbonne. Deputado da centro-direita em 1871, coloca em votação, em 30 de janeiro de 1875, a emenda que leva seu nome e institui a República. A parte que lhe cabe na redação das leis constitucionais da Terceira República rendeu-lhe o apelido de "Pai da Constituição". Em seguida, opôs-se à laicização das escolas congregacionais. Decano da faculdade de Letras de Paris (1876-1887) publicou um grande número de obras sobre história e religião. Os dois homens, da mesma geração, foram muito próximos em virtude de suas opiniões, ideias e trabalhos. É como Secretário perpétuo da Academia das Inscrições, função que passou a ocupar a partir de 1873, que Wallon pronuncia seu elogioso discurso.

Joseph-Noël, dito Natalis de Wailly, nasceu em Mézières, Ardennes, no dia 10 de maio de 1805, onde seu pai era controlador principal das contribuições indiretas. Ele descendia de um renomado gramático de Amiens e de um comerciante de cerveja de Ardennes. Após os estudos clássicos no liceu Henri-IV, em Paris, onde seu tio era diretor, obteve, em 1827, o diploma em Direito. Ele foi contratado como advogado e colaborou com os jornais de oposição liberal monárquica ao regime da Restauração: o *Le National*, em 1830, e o *Le Globe*, onde conheceu seu protetor, o

¹ Apesar de Natalis de Wailly e Henri Wallon não terem sido alunos da *École des chartes*, a Biblioteca da insituição publica «Nota sobre a vida e os trabalhos de Joseph-Natalis de Wailly (*Notice sur la vie et les travaux de Joseph-Natalis de Wailly*)», t. 49 (1888), p. 581-648. Paul Meyer, também publica seu obituário em *Romania*, XVI (1887), p. 162-166.

² O Grande dicionário Universal do século XIX (*Le Grand dictionnaire universel du XIXe siècle*), de Pierre Larousse, cita somente seus trabalhos acadêmicos.

historiador François Guizot, eloquente orador, líder do partido dos Doutrinadores (*Doctrinaires*), político importante da Monarquia de Julho e ministro de Louis-Philippe por um período quase ininterrupto (1830-1848). Guizot conduziu uma nova política em matéria de instrução pública e de monumentos históricos e iniciou a história romântica, notadamente, com a criação da comissão de publicação dos documentos inéditos sobre a história da França.

A vida de Natalis de Wailly comporta três épocas e três constantes: a dos Arquivos Nacionais, que dura vinte e quatro anos (1830-1854), a da Biblioteca Nacional, que dura dezesseis anos (1854-1870), e a da caridade, que também dura dezesseis anos (1870-1886). Em qualquer uma dessas épocas, ele se revela um modernizador de instituições, responsável pelo título de “homem letrado” (cujos trabalhos acadêmicos se confundem com suas responsabilidades administrativas³ e suas atividades na Academia das inscrições), e um católico engajado em ações sociais.

Guizot é ministro do interior no momento da ascensão de Louis-Phillipe ao trono da França, em 1830, e nomeia Natalis de Wailly subchefe de gabinete e Daunou, chefe dos Arquivos Nacionais. Três meses mais tarde, quando deixa o ministério, Guizot delega ao jovem Wailly o cargo de chefe da seção administrativa dos Arquivos Nacionais, e a Jules Michelet a chefia da seção histórica. Nos Arquivos, Wailly, com experiência apenas nos estudos de Direito e nos três meses de administração no ministério, é enviado por Guizot para colocar ordem na enorme quantidade de documentos sem tratamento que se acumulavam. A seção administrativa era responsável pelos arquivos anteriores à Revolução Francesa: do Conselho do rei (série E), das administrações financeiras (série G) e das administrações locais (série H), além daqueles do ministério do Interior (série F). Estes últimos representam a maior parte, a mais útil e a única que aumenta a cada ano, por conta de envios das direções e das repartições do ministério. De fato, algumas semanas após ter chegado, Wailly propõe uma classificação geral de dossiês dos departamentos e municípios baseados no território de ação do ministério. Daunou não aceita o projeto que se fundamentava apenas nas circunstâncias territoriais da França e o adverte a cuidar das ações do ministério. Na época, o ministério do Interior englobava todas as administrações civis, com exceção da justiça, dos negócios exteriores, das finanças, das instruções e dos cultos.

Baseando-se, então, no quadro geral de classificação para o ministério do Interior estabelecido por Daunou em 1811, Wailly idealiza vinte subdivisões que

³ HILDESHEIMER, Françoise. Du triage au respect des fonds. Les archives de France sous la Monarchie de Juillet. In: *Revue historique*, t. 286 (2), 1991, p. 295-312; e, Les Archives nationales au XIXe siècle, établissement administratif ou scientifique? In: *Histoire et archives*, n°1, 1997, p. 105-135. OGILVIE, Denise. De Daunou à Natalis de Wailly: le cadre de classement à l'épreuve du respect des fonds. In: *Archives, archivistes, archivistique dans l'Europe du Nord-Ouest du Moyen Âge à nos jours*, 2006, p. 293-301. AUZEL, Jean-Baptiste. Natalis de Wailly: aux sources de l'archivistique contemporaine. In: *Les Archives nationales des lieux pour l'histoire de France*, Paris, 1888, p.110-111.

correspondem às grandes funções administrativas do ministério (pessoal, administração departamental, administração municipal, contabilidade geral, contabilidade departamental, contabilidade municipal, polícia geral, polícia sanitária, polícia militar, agricultura, abastecimento, comércio, etc.). Essas funções são mais estáveis do que as estruturas administrativas, divisões e departamentos. Esta estabilidade é essencial se quisermos estabelecer um quadro de classificação permanente. Colocado o problema, a classificação dos dossiês não se faz apenas segundo as estruturas administrativas, os chamados sub-fundos, mas também de acordo com as funções principais. Assim, o jurista Wailly dá preferência aos objetos da ação administrativa, os chamados “assuntos”, e introduziu na interpretação da palavra, que possui muitos significados, um risco de confusão para os estudiosos. Quando isto acontece, estes são, então, levados a retirar alguns dossiês dos sub-fundos dos departamentos ou direções aos quais pertencem para organizá-los sob outras funções, seguindo a enumeração daquelas subdivisões apresentadas mais acima. Embora isto tenha sido rapidamente entendido, levou-se algum tempo para que a prática pudesse interpretar este quadro sem danos. As subdivisões de Wailly permanecem ainda hoje. O sistema desenvolveu-se, mas obedecendo estritamente o respeito aos fundos. A série F compreende atualmente mais de setenta subséries, que correspondem ao número de ministérios - alguns ainda existentes outros não - desmembrados ao longo do tempo.

Quando se tornou ministro da Instrução Pública (1832-1837), Guizot criou, em 1834, a comissão de publicação dos documentos inéditos sobre a história da França, confiando a Augustin Thierry a publicação dos documentos para servir à história do Terceiro Estado, e encarregando Wailly de redigir um resumo para ser usado pelos letrados da *École des chartes* que trabalhavam na tarefa de publicação. Em 1838, é publicada a obra “Elementos de Paleografia” (*Eléments de paléographie*), dedicada à Guizot. Trata-se, na realidade, de um novo manual de diplomática⁴. Natalis de Wailly menciona isto claramente no prefácio e o divide em quatro partes: cronologia, estilo e tipologia de documentos, paleografia e selos⁵. O manual foi utilizado por muito tempo, sendo substituído somente em 1894, pelo Manual de diplomática (*Manuel de diplomatique*), de Arthur Giry. Wailly amplia e aprofunda esta publicação por meio de pesquisas particulares sobre a cronologia, o valor das moedas e, principalmente, sobre a sigilografia. Auxilia Douët d'Arcq na criação da coleção de selos e moldes do serviço de selos dos Arquivos Nacionais e do museu de sigilografia, precursor do Museu de História da França. Suas qualidades acadêmicas o levaram a lecionar na *École des chartes*, que ele dirigiu por um tempo, e a entrar na Academia das Inscrições e Belas Letras, a partir de 1841, quando tinha trinta e seis anos.

⁴ DELMAS, Bruno. Naissance et renaissance de l'archivistique française. In: *La Gazette des archives*, Paris: Association des archivistes français, nouvelle série, 2006-4, n° 204, p. 5 - 32.

⁵ WAILLY, Natalis de. *Eléments de paléographie pour servir à l'étude des documents inédits de l'histoire de France*, Paris, 1838, p. iv-v.

Ao mesmo tempo, Tanneguy Duchâtel, como seu antigo colaborador no *Le Globe* e ministro do Interior (1839-1848), engaja uma grande política a favor dos arquivos departamentais e municipais que estavam sob sua responsabilidade⁶ e sobre os quais Wailly desempenhava um papel eminente, em razão das relações que ele mantinha com o ministro e de suas competências em matéria de arquivos do ministério. Ele foi, conseqüentemente, nomeado membro da comissão de arquivos departamentais e municipais⁷, passando a ser o criador da regulamentação dos arquivos locais e, notadamente, da noção de fundo de arquivo, de princípio de respeito aos fundos e do quadro de classificação dos arquivos departamentais e municipais⁸. Junto aos arquivos departamentais, ele encontra uma situação comparável àquela que encontrara dez anos antes nos Arquivos Nacionais, com a seção administrativa: os fundos do Antigo Regime, fundos fechados e um fundo aberto, aquele da prefeitura que correspondia ao do ministério do Interior, em nível de departamento. Da experiência dos Arquivos Nacionais, ele retira as grandes séries funcionais e institucionais. No interior destas séries, reagrupa os fundos das instituições que possuem funções similares. Assim, emerge a noção de fundo, conjunto de documentos produzidos por uma pessoa, e o princípio de respeito aos fundos. Não podemos deixar de recorrer ao texto de Wailly: "reunir os diferentes documentos por fundos, quer dizer, formar coleções de todos os títulos que provêm de um órgão, de um estabelecimento, de uma família ou de um indivíduo". No que diz respeito aos fundos fechados do Antigo Regime, as coisas são simples (as séries de A a I). Para os fundos abertos da prefeitura ou dos grandes serviços dos demais ministérios, à época, no departamento, ele adota este método aos documentos do ministério do Interior (séries: M, pessoal e administração geral da prefeitura; N, administração departamental; O, administração municipal; X, estabelecimentos de beneficência; Y, estabelecimentos de repressão) e dos demais ministérios: Finanças (P, finanças e Q, domínios); R, guerra; S, trabalhos públicos; T, instruções públicas; U e V, justiça e cultos. Assim, tem-se uma situação mista em um país muito centralizado. Tanto para as séries que reagrupam os fundos dos serviços que asseguram a mesma função (os tribunais e a justiça), quanto para as prefeituras, várias séries correspondem cada uma a serviços que asseguram funções especializadas, bem diferentes pelo seu objeto e técnica, tais como se encontravam em 1841.

No interior do fundo, Wailly preconiza a classificação de documentos por "assunto". Este termo é ambíguo para nós nos dias de hoje, em que tomou um

⁶ DUCHATEL, Tanneguy. *Rapport au Roi sur les archives départementales et communales*, Paris, 1841.

⁷ Esta comissão dos arquivos departamentais e municipais junto ao ministério do Interior foi criada pelo despacho de 6 de maio de 1841.

⁸ Natalis de Wailly inspirou a elaboração dos seguintes textos: *Instructions pour la garde et la conservation des archives* (Paris, 8 de agosto, 1839); *Instructions pour la mise en ordre et le classement des archives départementales et communales* (Paris, 24 de abril, 1841); *Règlement général des archives départementales* (6 de março, 1843); *Instructions relatives à la conservation et à la mise en ordre des archives des communes* (Paris, 16 de junho, 1842).

sentido particular na biblioteconomia. Na arquivística, é necessário entendê-lo como objeto da ação administrativa, o que significa dizer reunir em um fundo os dossiês que contêm o mesmo tipo de ação (função) em objetos do mesmo tipo (série orgânica). Em 1841 nenhum fundamento da arquivística contemporânea existia e assim não poderiam ser explicados com detalhes. Mas essas noções fundamentais desenvolveram-se com a própria administração e sempre estiveram fundamentadas sobre as bases formuladas por Natalis de Wailly.

Após a queda de Guizot, Wailly entra em conflito com Armand de Chabrier, o novo responsável pelos Arquivos Nacionais. Deixa, em 1854, seu posto e torna-se conservador do departamento de manuscritos da Biblioteca imperial (1854-1870). Ele o reorganiza completamente por meio da adoção de uma nova classificação, com o mesmo espírito metódico e com a mesma atividade sistemática que havia manifestado nos Arquivos. Assim, faz de sua passagem na Biblioteca uma marca durável. Respeitando as coleções de manuscritos constituídas e bem identificadas, classifica os manuscritos de acordo com os idiomas dos textos (latinos, franceses, gregos, alemães, ingleses, etc.), numa organização que existe ainda hoje. Ele começa seu inventário sistematizado destas coleções com 50.000 manuscritos franceses e conserva o que chamamos, hoje, de manuscritos, ou seja, os originais de obras literárias e científicas. Mas, na época, os manuscritos da biblioteca eram constituídos, sobretudo, de coleções de documentos de arquivos, reunidas nos séculos XVII e XVIII: coleções Colbert, Baluze, Clairambault, Dupuy, o gabinete dos títulos e genealogias e, sobretudo, Moreau, com o gabinetes de documentos (1834 volumes de originais e cópias). Estas coleções entraram por diferentes títulos na Biblioteca imperial, para serem colocadas à disposição dos homens letrados ou eruditos. A lei de 7 messidor do ano II (25 de junho de 1794), relativa aos Arquivos, havia estipulado que os arquivos deveriam passar por uma triagem e que os documentos úteis às letras, ciências e artes seriam levados para a Biblioteca nacional. Esta disposição foi válida até 1846, mesmo que nunca tenha sido aplicada. Não havia nisso nada de extraordinário para conferir a ele este trabalho. Enfim, na antiga vocação da Biblioteca imperial, ele oferece aos pesquisadores acesso aos inventários, o que era novidade na época pois, em geral, manuscritos e fichas eram considerados, até então, instrumentos de trabalho interno e restritos aos serviços dos bibliotecários ou dos arquivistas nos Arquivos.

Durante este época de elaboração de uma ciência mais metódica, pretendeu-se dividir as coleções entre as grandes instituições de conservação. Em 1858, uma comissão instituída pelo ministro da Instrução Pública, cujo relator era Prosper Mérimée, foi criada para incentivar as trocas entre as instituições. Suas recomendações foram, em geral, seguidas e assim a Biblioteca nacional recebeu o gabinete de numismática da Moeda de Paris. Somente as trocas com os Arquivos ficaram de fora. Assim que a Biblioteca imperial juntou-se aos Arquivos Nacionais nas atribuições do ministério do Estado, uma nova comissão foi instituída, em 22 de abril de 1861, para retomar a questão das trocas entre as duas instituições, sob a presidência do marechal Vaillant, ministro do Estado, cujo redator era Félix Ravaisson. Seu relatório fundamentava-se na natureza dos arquivos e levava ao

pedido de restituição aos Arquivos Nacionais dos documentos de arquivo do departamento de manuscritos da Biblioteca que, por acidentes da história, encontravam-se na Biblioteca Nacional; mutilando, portanto, os fundos, que se encontravam normalmente nos Arquivos Nacionais, a exemplo daquelas coleções citadas mais acima⁹. Natalis de Wailly contesta imediatamente o relatório e prepara a resposta com Léopold Delisle, seu assessor. Ele contrapõe ao argumento da natureza intrínseca dos arquivos e da necessária reunião dos fundos - ao contrário da doutrina que ele havia formulado tão claramente para os arquivos departamentais - o argumento da utilização histórica dos arquivos que pertenciam à Biblioteca desde suas origens. O assunto acabou aí¹⁰.

É a partir deste momento que publica seus trabalhos eruditos, notadamente as edições críticas de Joinville (1868 e 1874) e de Villehardouin (1872). Ao longo deste período sua atividade acadêmica na Academia não diminui e de Wailly publica os textos *Recueil des historiens des Gaules et de la France* da Academia das Inscrições e Belas Letras (t. XXI, XXII, XXIII) e as múltiplas edições de Joinville¹¹ e Villehardouin, críticas adaptadas para o francês moderno. Desenvolve o trabalho de restauração minuciosa do texto e da reconstituição erudita da língua, como o fazia na época dos monumentos históricos dos arquitetos, a exemplo de Viollet le Duc, ao utilizar a ortografia e a língua dos atos de Joinville para refazer o texto o mais aproximado possível do original; texto este alterado pelos copistas, e que nos é apresentado somente em manuscritos tardios.

Em 1870, renuncia a todas as suas funções na Biblioteca e na *École des chartes* para dedicar-se às obras de beneficência. É preciso dizer algumas palavras sobre a terceira vida de Natalis de Wailly. Muito jovem, foi marcado pela perda de sua esposa (1834) e de seu filho recém-nascido. Viúvo inconsolável, não se casa novamente e dedica seu tempo livre às obras de caridade. Em setembro de 1870, com sessenta e cinco anos e plenamente saudável, ele se aposenta e renuncia a todas as suas funções de responsabilidades administrativas, para se ocupar de sua mãe, durante o cerco de Paris (1870-1871). Em seguida, passa a se dedicar totalmente às obras de piedade e caridade na sua paróquia de Passy, apoiando as escolas católicas. Principalmente a escola profissional dos Irmãos das Escolas Cristãs, criada em 1839, que ele presidiu e que existe ainda hoje sob o nome de Passy-Buzenval, situada atualmente na Rueil-Malmaison. Paralelamente, continuou seus trabalhos científicos na Academia das Inscrições, na preparação da obra *A imitação de Jesus Cristo (l'Imitation de Jésus-Christ)*, (1885). De Wailly vem a falecer em dezembro de

⁹ RAVAISSON, Félix. *Rapport adressé à son Excellence le ministre d'État au nom de la commission instituée le 22 avril 1861*, Paris, 1862, 371 p.

¹⁰ WAILLY, Natalis de. *La Bibliothèque impériale et les Archives de l'empire. Réponse au rapport de M. Ravaisson*. Paris, 1863, 40 p.

¹¹ WAILLY, Natalis de, *Œuvres de Jean, sire de Joinville, comprenant l'histoire de saint Louis, le Credo et la lettre de Louis X, avec un texte rapproché du français moderne et mis en regard du texte original, corrigé et complété à l'aide des anciens manuscrits et d'un manuscrit inédit*, Paris, 1867.

1886, depois de uma breve doença, completando, assim, um percurso administrativo, arquivístico, erudito, caridoso e espiritual notável e fecundo.

Bruno Delmas
Professor da *École des chartes*

A vida e os trabalhos de M. Joseph-Natalis de Wailly

Tradução de Natália Bolfarini Tognoli¹

O início de sua vocação

Joseph-Noël ou Natalis de Wailly nasceu em Mézières, no dia 10 de maio de 1805, em uma antiga família de Amiens, e seu nome nos indica sem dúvida sua origem. Seu avô, Noël-François de Wailly, era um literato de mérito que publicou, entre outras obras, uma gramática francesa e um vocabulário francês – muito valorizados no século dezoito – tornando-se, em novembro de 1785, um dos membros da terceira classe do Instituto (*Institut de Littérature et Beaux-Arts*). Seu pai, Noël-François-Henri de Wailly, era, quando se casou, secretário do general Andrèossy e, quando morreu, em 28 de março de 1816, controlador principal de contribuições indiretas de Ardennes.

O jovem Natalis encontrava-se, nessa época, no colégio Henri IV, no qual seu tio Étienne-Augustin de Wailly ocupava as funções de diretor e onde seus primos Berthélemy-Alfred, Gustave e Jules obtiveram um brilhante sucesso. O próprio Natalis, depois de estudos sólidos neste colégio e em Sainte-Barbe-Rollin, licenciou-se em 1º de agosto de 1827². Ele não possuía, ainda, nenhum gosto pelas carreiras ou até mesmo pelas ciências do Direito ou da Medicina, e seus primeiros escritos não indicavam que ele seguiria na literatura ou política; ele debuta sobre a Restauração (*Restauration*) em Variedades (*Variétés*) no *National* e depois no *Globe*. É lá que ele conhece Daunou que, em 1830, fica à frente dos Arquivos Nacionais (*Archives Nationales*), e o convida a ser chefe da seção administrativa e da Coroa. Esta entrada nos Arquivos determina sua vocação.

M. N. de Wailly sempre foi conhecido como o homem do dever (*l'homme du devoir*) e fazia questão, antes de tudo, de entender perfeitamente aquilo que dizia respeito às suas atribuições. Nos Arquivos, ele interessava-se não apenas pelos documentos administrativos (*papier administratifs*) de séculos passados, mas também pelos documentos (*chartes*) da Idade Média. Ele devia lê-los, decifrar suas escrituras, distinguir as fórmulas, determinar as datas, fazendo nesta ciência progressos suficientes para ser julgado capaz de ensinar aos outros.

¹ Para facilitar a leitura, optamos por dividir o texto em tópicos. No entanto, vale destacar aqui que não alteramos a ordem do texto, e optamos por mantê-lo em primeira pessoa, seguindo o pensamento de Wallon, autor do texto original, interferindo e comentando, quando necessário. Ressalta-se ainda, que a intenção dos autores não foi traduzir o texto ao pé da letra do francês para o português mas, sim, fazer uma versão do trabalho que pudesse comportar livremente comentários e algumas mudanças com relação às expressões.

² Informações fornecidas por M. Bergounhioux, sobrinho de M. de Wailly, a M. Georges Édon, professor no colégio Henri IV, reproduzidas em uma interessante nota. M. Bergounhioux mandou reimprimir os discursos pronunciados no funeral de Noël-François de Wailly, seu bisavô. — Com as notas de M. Édon foram lidas aquelas de Paul Meyer, na Romênia (janeiro de 1887), e o discurso pronunciado por M. Gaston Paris, não no túmulo de M. de Wailly (o que ele proibira), mas na Academia, durante uma sessão que seguia os funerais (Nota do autor).

Em 1833, por meio do convite de M. Guizot, de Wailly compôs e publicou *Éléments de paleographie*³, exposição completa de todas as noções indispensáveis à leitura e à compreensão dos documentos (*chartes*), adicionando seu principal apêndice, os carimbos de selos, onde apresentou a origem, o emprego, as formas e a matéria⁴: ciência nova que ainda não havia sido denominada e que seria levada mais adiante, sobre a qual ele lançou as bases e aplicou a muitos escritos.

Graças aos *Éléments de paleographie*, de Wailly marcou seu lugar entre os cientistas sendo eleito, em 1841, membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*⁵.

“É neste sentido que eu falarei dele e por razão de seus trabalhos em nossa Academia é que seguirei seus trabalhos; mas não podemos negar que ele realizou consideráveis obras nas funções que ocupava, servindo não apenas à administração, mas também à ciência⁶ (WALLON, 1888, p. 03).

Os trabalhos nos Arquivos Nacionais e na Biblioteca Imperial

A estadia de M. N. de Wailly nos Arquivos Nacionais foi marcada por duas medidas de excepcional importância. Aos documentos administrativos da antiga França foram adicionados aqueles que haviam sido produzidos desde a Revolução com o trabalho do ministério do Interior e de grandes serviços que foram se destacando sucessivamente. Os documentos foram despejados irregularmente nos Arquivos, e essa massa enorme de peças documentais foi empilhada sem ordem, sem a menor ideia de classificação.

M. N. de Wailly queria arrumar o caos. Para tanto, elaborou um quadro de classificação provisório, cujas divisões englobavam os diferentes órgãos das administrações de onde originaram esses documentos. O próprio de Wailly abria os envelopes e as caixas onde estavam os documentos, reconhecia a natureza das peças documentais ali contidas e as distribuía em pilhas, de acordo com as divisões do quadro que ele havia adotado. Feito isso, este quadro podia agora se tornar definitivo. De Wailly reviu cada divisão feita no quadro e colocou uma ordem

³ Paris, 1838, vol.2, grand-in 4º (Nota do autor).

⁴ Ele resumiu essas noções em *Notice sur les sceaux*, que se encontra no tomo IV (1840) do *Annuaire historique*, publicado pela *Société de l'histoire de France* e que apareceu na *Bibliothèque de l'École des chartes* (1842-1843) em *Notice sur une collection de sceaux de rois et reines de France* (Nota do autor).

⁵ Fundada em 1663, na França, pelo rei Luis XIV, a “*Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* é essencialmente uma sociedade de saberes reunidos por um mesmo ideal de pesquisa consagrada às ciências sociais humanas. Com uma longa tradição de erudição, ela desempenhou um papel fundamental em favor da promoção e do avanço dos estudos históricos, arqueológicos e filológicos, atendo-se principalmente ao estudo científico de monumentos, documentos, línguas e culturas de civilizações da Antiguidade, da Idade Média e da Idade Clássica, e também das civilizações não europeias” (ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES-LETTRES) (Nota dos tradutores).

⁶ Preferimos, aqui, deixar a frase em primeira pessoa, traduzindo literalmente o que Wallon quis dizer, para que não ocorra má interpretação do texto. Neste sentido, Wallon deixa claro que seu interesse em escrever este texto sobre de Wailly foi despertado a partir dos trabalhos desenvolvidos por ele na Academia (Nota dos tradutores).

aproximada nas peças que haviam sido ali organizadas. Foi assim que ele constituiu a série F, *Administration générale de la France*, que compreendia mais de cinquenta mil artigos e por meio da qual administradores, economistas e historiadores podiam, depois de meio século, entregar-se a suas pesquisas sem risco de se perder. A este trabalho cansativo, de Wailly devotou vários anos, retomando-o várias vezes em sua obra.

A segunda obra importante de M. N. de Wailly nos Arquivos está relacionada aos carimbos dos selos da Idade Média. Como já foi dito anteriormente, ele apresentou e desenvolveu em seus *Éléments de paléographie* as regras de crítica a serem seguidas no estudo dos carimbos, fornecendo os meios para se examinar e comparar esses curiosos pequenos monumentos, criando na administração dos Arquivos uma coleção de moldes. De Wailly fez uma homenagem a M. Letronne ao continuar seus estudos executando uma operação muito útil para vários fins. Essa medida, de fato, não deixou para os arqueólogos somente exemplares exatos de peças que eram seus objetos de estudo, mas assegurou também a conservação dessas peças.

De Wailly passou, em 1852, da seção administrativa à seção histórica, de onde o Império havia expulsado Michelet. É certo que não foi ele quem solicitou a mudança e, dois anos mais tarde, pouco satisfeito com a nova direção dos Arquivos, aceita com prazer trabalhar na Biblioteca Imperial, substituindo seu fiel amigo M. Guérard nas funções de conservador do departamento de manuscritos. Aí ele fica durante dezesseis anos onde sua autoridade era respeitada e apreciada, assim como sua firmeza e benevolência para com o público e seus subordinados; e aqui o melhor que faço⁷ é reproduzir textualmente estas curtas notas daquele que foi seu colaborador, sucessor e o mais querido dos amigos:

[...] ele deve ser certamente recompensado, me disse M. Léopold, por ter lutado energeticamente e por ter extinguido os projetos que teriam desorganizado as coleções do departamento de manuscritos, nos brindando com ricas novidades, um novo elemento nas coleções dos Arquivos Nacionais⁸; por ter tido mãos firmes, como fizeram seus antecessores, MM. Hauréau e Guérard, para que todos os artigos do departamento de manuscritos fossem regularmente separados e colocados em inventários; por ter, com suas próprias mãos, submetido a um armazenamento uniforme e regular os 25.700 volumes de fundos franceses; por ter colocado à livre disposição dos interessados os instrumentos de pesquisa, reservados até então exclusivamente a alguns poucos funcionários do estabelecimento.

A carreira administrativa de M. de Wailly foi o bastante para torná-lo conhecido por sua aplicação escrupulosa ao dever, clareza e precisão em suas visões,

⁷ Optamos por este trecho em primeira pessoa, reproduzindo a conversa de Wallon e Delisle (Nota dos tradutores).

⁸ Ver, para esclarecimento deste artigo, o caderno intitulado *La Bibliothèque impériale e les Archives de l'Empire*. Paris, 1863 (Nota do autor).

e firmeza na execução. Qualidades estas encontradas também em seus trabalhos como erudito.

Os trabalhos na Academia

Assim que ingressou na Academia, de Wailly associou-se a um dos trabalhos mais consideráveis da *Compagnie*: a publicação de *Historiens de France*, continuação da obra dos Beneditinos – que requeria zelo e devoção de um Beneditino – publicando o tomo XXI com M. Guigniaut (1855), o tomo XXII com M. L. Delisle (1865), e o tomo XXIII com MM. L. Delisle e Jourdain (1876). Ele deu a essa grande publicação uma característica nova, compreendendo que as crônicas, sobretudo a partir do século XIII, não bastavam para nos esclarecer sobre a cronologia dos acontecimentos, sobre a personalidade dos atores e sobre o jogo das instituições.

Durante um longo tempo de críticas para verificar, completar e corrigir as histórias de analistas e biógrafos, de Wailly recorreu às cartas e a outros documentos, acreditando ser necessária a introdução desses gêneros documentais no corpo da coleção. A decisão que ele fez a Academia tomar a esse respeito foi, portanto, um ato de grande alcance, que podemos julgar hoje ao ler esses volumes. Os relatórios do século XIII que ele publicou, notadamente as notas de *Saint Louis*, de *Philippe le Hardi* e de *Philippe le Bel*, ofereceram as informações mais precisas aos historiadores e serviram de exemplo aos editores. Adiciona-se ainda que, de Wailly, que nada negava, elaborou o inventário do tomo XXI sobre um plano excelente, que foi seguido por outros.

Os três volumes em que M. de Wailly colocou o seu nome são consagrados ao período compreendido entre a ascensão de *Saint Louis* e a morte do último filho de *Philippe le Bel*. De Wailly encontrava-se, ainda, ligado à história do século XIII, o apogeu da Idade Média, e queria esclarecer seus pontos mais obscuros: era seu dever de editor e o objeto de dissertações que ele publicou em apêndices no *Historiens de France*, em tratados particulares na coleção das *Mémoires* da Academia ou nas *Notices et Extraits des manuscrits*. Notas na *Histoire de France* com a dissertação *Sur Dépenses et les recettes de Saint Louis*, inserida no tomo XXI, e o prefácio do tomo XXII; em *Mémoires*, vários estudos críticos sobre os textos destinados à coleção precedente: Geoffroy de Beaulieu, etc.⁹. Adiciona-se um escrito sobre um panfleto anônimo, escrito sobre Filipe o Belo por um advogado do rei, que começa saudando a paz perpétua e continua de uma maneira mais prática, expondo uma nova tática para derrotar os inimigos do reino e uma receita para encurtar os processos¹⁰.

⁹ *Examen critique de la Vie de Saint Louis par Geoffroy de Beaulieu* (1844); ele estabeleceu aí a autenticidade – *Notice sur une chronique anonyme du XIIe. Siècle* (o mesmo ano) – *Notice sur Guillaume Guiart* (1846), crônica sobre Filipe o Belo de mais de 11.000 versos. – *Examen de quelques questions relatives à l'origine des chroniques de Saint-Denis*. – *Mémoires de l'Académie des inscriptions*, t. XV, 2ª parte, p. 403; t. XVII, 1ª parte, p. 479. – *Bibliothèque de l'École des chartes*, t. V, p. 205; 2ª série, t. I, p. 389; t. III, p. 1 (Nota do autor).

Os trabalhos de M. de Wailly sobre os historiadores desse período não o fizeram retornar aos seus primeiros estudos. Após ter reunido as noções gerais de paleografia, ele mesmo as aplicou em pesquisas originais. Para a Paleografia propriamente dita, publicou *Mémoire sur des fragments de papyrus écrits en latin et déposés au Cabinet des antiques de la Bibliothèque royale, au musée du Louvre et au musée des antiquités de Leyde*¹¹; fragmentos pertencentes às cartas imperiais e relativos à rescisão de uma venda, à restituição de um salário, etc. Para a Diplomática publicou *Mémoire sur les dates des lettres de Clément V*, onde estudou o período das eleições de Clemente V até sua ascensão ao trono pontifício, recuperando, por meio de comparações, a cronologia dos atos do pontífice e apresentando aos outros um caminho para tanto; de fato, reconheceu-se depois que outros papas, como Clemente V, cumpriram seus anos de pontificado a partir do dia de suas entronizações.

De Wailly não se limitava apenas à crítica dos textos que ele publicava; sabia utilizá-la quando necessário e recorrer às soluções dos pontos pouco esclarecidos, como testemunha *Mémoire sur les tablettes de cire conservées au Trésor de chartes* (1848). O abade Lebeuf, que havia feito um sábio trabalho com os tabletes de cera, mostrando seu uso em documentos que datavam até século XVIII, deixou de lado estes últimos como indecifráveis. M. de Wailly os decifrou estabelecendo que eles pertenciam ao reino de *Saint Louis*¹². Esse documento foi seguido por outros dois da mesma natureza: em 1855, *Recherches sur le système monétaire de saint Louis* e, em 1856, *Mémoire sur les variations de la livre tournois depuis le règne de Saint Louis jusqu'à l'établissement de la monnaie décimale*, uma obra capital, com seis quadros que permitiam esclarecer as questões delicadas sobre o valor intrínseco das moedas em todas as épocas intermediárias¹³.

Até o momento, os economistas e historiadores guiavam-se apenas pelos quadros elaborados por Leblanc em *Traité historique des monnaies de France depuis le commencement de la monarchie jusqu'à présent* (Paris, 1690). No entanto, independentemente das inexatidões que aí podiam ser levantadas, este livro, cessando em 1690, apresentava o grave inconveniente de deixar quase dois séculos em atraso nos quadros apresentados.

Sentia-se, então, a necessidade de se fazer uma obra com os textos melhor verificados e mais completos, que se estendesse até os dias atuais. Contudo, até os mais empreendedores recuavam diante de um trabalho que exigia mais que uma

¹⁰ Texto sobre um panfleto anônimo intitulado *Summaria, brevis e compendiosa doctrina felicis expeditionis et abbreviationis guerrarum ac litium regni Francorum* (1847). (*Mémoire de l'Académie des inscriptions*, t. XVIII, 2ª parte, p. 435) (Nota do autor).

¹¹ Lido dias 11 e 18 de março de 1842 (*Mémoire de l'Académie des inscriptions*, t. XV, p. 399) (Nota do autor).

¹² Memórias da *Académie des inscriptions*, 2ª série, t. XVIII, 2ª parte, p. 356; e edição a essa memória (1851), t. XIX, 1ª parte, p. 489 (Nota do autor)

¹³ *Ibid*, t. XXI, 2ª parte, p. 114 e 177. (Nota do autor)

condição necessária para fazê-lo com autoridade, uma vez que era necessário alguém que adicionasse ao conhecimento da Idade Média a prática do cálculo. M. de Wailly devota-se a isso. Ele conhecia sobre a Idade Média; e se ele não se sentisse suficientemente preparado para o resto, estudaria matemática, tamanho era o escrúpulo com o qual desempenhava as tarefas que se propunha realizar.

O interesse por Saint Louis e os estudos filológicos

Enquanto se dedicava aos cálculos minuciosos e às discussões árduas, de Wailly não deixava de refletir sobre uma questão que era de domínio comum da história, uma questão antiga já resolvida, mas contestada pelas grandes autoridades e que ele acreditava estar na hora de resolver: a data e o lugar de nascimento de *Saint Louis*. Ele estabeleceu, ao contrário de Du Cange e Labbe, mas de acordo com Tillemont, que a data de nascimento era 25 de abril de 1214 e não 1215, confirmando, não obstante as controvérsias do século passado, a tradição histórica que fixou lugar em Poissy¹⁴.

Dos três reis do século XIII, o preferido de M. de Wailly era *Saint Louis*, e o historiador que mais gostava era Joinville, o principal historiador de *Saint Louis* e que não havia publicado na coleção *Historiens de France*. No entanto, de Wailly poderia colocá-lo entre os grandes nomes. E foi o que fez, em 1865, por meio de uma versão publicada na Hachette. Ele ainda podia fazer melhor: unir o texto de Joinville à sua tradução, porque o texto sozinho dificilmente encontraria leitores entre o público. O texto e a tradução foram, assim, apresentados na edição de Hadrien Hachette, dois anos depois (1867). Entretanto, o texto apresentado não era contemporâneo a Joinville, datando de cinquenta anos após sua morte, quando os copistas o alteraram, aproximando-o da língua falada por eles. Cinquenta anos é muito tempo no movimento de transformação da linguagem em uma época onde nada era fixado. Neste contexto, M. de Wailly resolveu escrever um texto cujo mérito estava em sua aproximação com o original.

A devoção de M. de Wailly à ciência é admirável. A Filologia, em matéria de língua francesa, ainda não existia, por assim dizer, quando ele entrou na carreira de erudito; ela nasceu quando ele fez, em meados desse século, as pesquisas mais profundas sobre os monumentos da literatura antiga. Ela cresceu aos seus olhos por meio dos trabalhos de jovens sábios que se tornaram seus colegas. Logo que começa a envelhecer, seus antigos alunos puderam tornar-se seus mestres em um estudo que ele não havia tido necessidade de praticar até então; ele não tinha medo de ir à escola deles. No limiar da velhice ele se tornou estudante. Graças à exatidão de seu espírito, à retidão de seu método, à sabedoria, à cautela de seus processos e à sua firme vontade de saber, chegou ao ponto de colocar as mãos à obra com a certeza de que o que tentasse, iria conseguir.

Para nos dar uma *Histoire de Saint Louis* o mais próxima possível do

¹⁴ 1865. Memórias da Académie des inscriptions, t. XXVI, 1ª parte, p. 173 (Nota do autor).

original, foi necessário decifrar a língua falada e escrita por Joinville. Ele o faz primeiramente por meio da coleção de documentos extraídas de sua chancelaria (*Recueil des chartes originales en langue vulgaire*)¹⁵. Com esses documentos, ele pôde ampliar os números graças às comunicações de M. de Fleury e M. Paul Meyer e, com isso, ter uma ideia geral da língua falada naqueles tempos e no ambiente de Joinville, escrevendo um documento memorável que foi lido perante a Academia.

M. de Wailly se propôs a conhecer a ortografia da língua de Joinville e suas relações com a gramática e a pronúncia, apesar das alterações sofridas com a pluma dos copistas. Ele o fez subdividindo primeiro as partes do discurso, os tempos dos verbos, etc. - e segundo os diferentes sons das vogais e consoantes¹⁶ - para assim compor um vocabulário ao qual qualquer um poderia recorrer, para corrigir a ortografia de manuscritos (1868).

Foi então que ele publicou na *Société de l'histoire de France a Histoire de Saint Louis, texte ramené à l'orthographe des chartes du sire de Joinville* (1868)¹⁷, adicionando uma tradução, na esplêndida edição da casa Didot (1874)¹⁸. Embora o problema não tenha sido resolvido na publicação, como foi reconhecido e observado por de Wailly em uma carta enviada ao colega M. Gatson Paris, - julgado competente nessa matéria¹⁹ - ele recebeu um mérito da escola francesa por mostrar os aportes que a Filologia poderia oferecer à literatura histórica.

Com Joinville e antes de Joinville a língua francesa contou com um grande historiador da Idade Média, o historiador da quarta cruzada e da conquista de Constantinopla, Geoffroy de Ville-Hardouin. Assim sendo, M. de Wailly não podia negligenciar seu ilustre antecessor e queria publicar um texto melhor de Ville-Hardouin. Mas seria possível remontar assim ao texto original? Faltava aí o gênero dos documentos que ele tinha utilizado para encontrar a língua de Joinville. Para constituir o texto, havia apenas a comparação dos principais manuscritos; este é o trabalho que M. de Wailly empreendeu e cujas premissas ofereceu ao público em *Notice sur six manuscrits de la Bibliothèque nationale contenant le texte de Geoffroy*

¹⁵ *Bibliothèque de l'École des chartes*, 6ª série, t. III, p. 537. Ele publicou em adição, em 1870, *Chartes originale de Joinville du 27 juillet 1264*, que não conhecia na época da publicação antecedente (*Bibliothèque de l'École des chartes*, t. XXXI, p. 133) (Nota do autor).

¹⁶ Ele resumiu os resultados de seu trabalho com a seguinte conclusão: "Quando comecei essa memória, eu não tinha a pretensão de descobrir novas teorias, mas pensei que, ao me apoiar sobre regras já conhecidas, eu poderia ligar aí as observações que seriam úteis aos estudos de nossos dialetos antigos. Pareceu-me sempre bom constatar, com precisão, até que ponto essas regras foram observadas em um tempo e em um lugar determinados. Se eu não me atento para esse objetivo, espero pelo menos estar preparado a restabelecer por meio de correções certas ou prováveis, vários caracteres essenciais à língua de Joinville e, por assim dizer, os traços mais salientes da fisionomia que ela teria no manuscrito original. Estou ciente que tal tentativa pode levantar mais de uma objeção; mas confio que o método que dirigiu essa pesquisa e o cuidado com o qual ela foi realizada serão considerados." (*Mémoire de l'Académie des inscriptions*, t. XXVI, 2ª parte, p. 328) (Nota do autor).

¹⁷ *Histoire de Saint Louis, par Jean, sire de Joinville*, seguida por *Credo* e por *Lettre à Louis X*, texto que trazia novamente a ortografia das cartas do pai de Joinville. Paris, Renouard (1868). (Nota do autor).

¹⁸ Jean, sire de Joinville, *Histoire de Saint Louis, Credo et Lettre à Louis X*, texto original acompanhado de uma tradução. Paris, Firmin-Didot, 1874. Grand-in 8ª ilustrado. (Nota do autor).

¹⁹ Romania, III, 486-493 (Nota do autor).

de Ville-Hardouin (1872)²⁰. Depois publicou na Didot sua grande edição de Ville-Hardouin²¹.

M. de Wailly foi levado aos estudos filológicos por meio de seus escrúpulos de editor acerca dos textos verdadeiros de nossos grandes historiadores, Ville-Hardouin e Joinville. Tornou-se filólogo por amor à história, e aí ficou por amor à língua.

Foi assim que se pôs a coletar documentos do século XIII ou a comparar os manuscritos de crônicas em língua vulgar, para estudar aí a gramática e a ortografia do século de *Saint Louis*. Mas ele voltava-se sempre de bom grado a Joinville²². Em 1872, publica *Joinville et les Enseignements de Saint Louis à son fils*²³; em 1874 *Romand ou chronique en langue vulgaire dont Joinville a reproduit plusieurs passages*²⁴. Pode-se adicionar aí um pequeno texto que ainda diz respeito à história de *Saint Louis: Récit du XIIIe Siècle sur la translation faite en 1239 et en 1241 des saintes reliques de la Passion*²⁵, descoberto por M. Miller.

De Wailly não se contentava em oferecer os modelos para a crítica apenas baseados em seus estudos e documentos. Interessava-se por outros trabalhos e levava sempre as discussões mais ativas e frutíferas para a Academia. Muito tempo antes de ser um decano, sua voz ecoava com autoridade em matéria de regulamento e costume. Foi duas vezes presidente da Companhia da Academia; a primeira em 1852. Nessa época, ainda não era costume que o presidente fizesse um discurso na abertura de sessões públicas; mas ele, como tal, teve que fazê-lo no velório de dois secretários que a Academia perdeu em um intervalo de um mês, MM. Walckenaer e Eugène Burnouf²⁶.

²⁰ *Notices et extraits des manuscrits*, t. XXIV, 2ª parte, p. 1. Este volume só foi publicado em 1876 (Nota do autor).

²¹ *La Conquête de Constantinople*, par Geoffroy de Ville-Hardouin, avec la continuation de Henri de Valenciennes, texto original acompanhado de uma tradução. Paris, Firmin-Didot, 1872. Ele adiciona em 1874 a seu trabalho *Éclaircissements* que pode ser encontrada na edição seguinte: *I sur la chronique d'Ernouf; II sur la chronique de Robert de Clary; III sur les incidents de la croisade; IV, sur la valeur intrinsèque des monnaies; V des armes défensives; VI, des armes offensives et des engins; VII du vêtement; VIII, langue e grammaire de Ville-Hardouin; IX, langue de Henri de Valenciennes; X, extraits textuels des manuscrits*. (Nota do autor).

²² *Recueil des chartes en langue vulgaire provenant de la collégiale de Saint-Pierre d'Aire en Artois* (1870), e o ano seguinte (1871) *Observations grammaticales sur le texte de ces chartes* (Bibliothèque de l'École des chartes, t. XXXI, p. 261; t. XXXII, p. 291). As cartas foram doadas em apêndice em seguida da memória, quando foi impressa na coleção das *Mémoires de l'Académie*, t. XXVIII, 1ª parte, p. 135. — Em 1876, *Notice sur six manuscrits contenant l'ouvrage anonyme publié par M. Louis Paris sous le titre de Chroniques de Rains* seguida de *Observations sur la langue de Reims au XIIIe. Siècle* (*Notices et Extraits des manuscrits*, t. XXIV, 2ª parte, p. 289, e *Mémoires de l'Académie des inscriptions*, t. XXVIII, 2ª parte, p. 287). Em 1881, dois trabalhos do mesmo gênero: *Notice sur les actes en langue vulgaire du XIIIe. Siècle contenus dans la collection de Lorraine à la Bibliothèque nationale* (*Notices et Extraits des manuscrits*, t. XXVIII, 2ª parte, p. 1). — *Observations grammaticales sur les actes de amans (notaires, amanueses) de Metz qui sont dans la collection de Lorraine* (*Mémoires de l'Académie des inscriptions*, t. XXX, 1ª parte, p. 303). (Nota do autor).

²³ *Mémoires de l'Académie des inscriptions*, t. XXVIII, 1ª parte, p. 263 (Nota do autor).

²⁴ *Ibid.*, 2ª parte, p. 179 (Nota do autor).

²⁵ 1878, *Bibliothèque de l'École des chartes*, t. XXXIV, p. 401 (Nota do autor).

O ano de 1876, quando M. de Wailly foi presidente pela segunda vez, não o poupou desse dever doloroso. Em dois meses, janeiro e fevereiro, a Academia perdeu quatro de seus membros mais eminentes: MM. Mohl, Marquês de Grange, Ambroise Firmin-Didot e Guigniaut. Na abertura da sessão pública, de Wailly lembrou com emoção esses grandes golpes que a morte trouxera para a Companhia, e em algumas partes descreveu com tanta veracidade os traços mais impressionantes dessas figuras que podia-se acreditar que eles ainda estavam sentados com os demais membros naqueles bancos²⁷. Foi a mesma homenagem que ele fez a outros dois companheiros: M. Letronne, com quem trabalhou nos Arquivos²⁸, e M. Guérard, que de Wailly substituíra na conservação de manuscritos da Biblioteca²⁹.

Outros trabalhos importantes

A atividade de M. de Wailly não podia mais limitar-se à Academia. A administração que havia gostado muito de seus serviços nos Arquivos Nacionais, não deixava de requerer seus serviços na organização dos arquivos dos departamentos.

M. de Wailly foi chamado pelo ministro do Interior, o conde Duchâtel, ao centro da comissão encarregada da organização dos arquivos, e aí incorporou um princípio que, segundo autoridades competentes, foi a salvação desses depósitos: o princípio da integridade dos fundos (*le principe de l'intégrité des fonds*).

Hoje em dia não se coloca mais o princípio em dúvida. Mas, em 1841, quando M. de Wailly o fez prevalecer, a experiência ainda não tinha demonstrado suas vantagens. Ele teve aí um duplo merecimento quando o adotou.

A *École des chartes* era outro lugar onde M. de Wailly era muito solicitado. Ele estava lá por seus trabalhos, seus gostos, suas afeições. A *École* que não pôde tê-lo como aluno, tinha-o como mestre. Mesmo antes de entrar para o conselho de aperfeiçoamento, exercia aí a maior e mais salutar influência sobre as doutrinas a ensinar e os métodos a seguir.

Ao entrar para o conselho, onde tornou-se presidente após a morte de M. Hase, ele introduziu exames que foram procedidos com tamanha exatidão que não podiam ser, e de fato não foram, jamais criticados. A *École des chartes* considerava

²⁶ 29 de abril e 30 de maio de 1852. Coleção do Instituto, t. XXII, nº13 (Nota do autor).

²⁷ Coleção do Instituto de 1876, t. XLVI, nº 17. Encontraremos na mesma coleção os discursos que pronunciou nos enterros de M. Didot (26 de fevereiro de 1876) e de M. Guigniaut (14 de março). Para M. Mohl, o discurso foi pronunciado em 7 de janeiro por M.A. Maury, e M. o marquês de Grange não foi enterrado em Paris. No intervalo dessas duas presidências, de Wailly, na qualidade de conservador da Biblioteca, havia delegado ao seu colega e amigo M. Hase o posto de diretor, em 24 de março de 1864 (*Ibid.*, t. XXXIV, nº9, p. 11) (Nota do autor).

²⁸ *Revue archéologique*, 1848, t.V, p. 619 (Nota do autor).

²⁹ *Notice sur M. Daunou*, par M. Guérard, seguido por *Notice sur M. Guérard*, par M. N. de Wailly. Paris, Dumont, 1855 (Nota do autor).

M. de Wailly um dos seus e sentia-se sempre honrada com seus trabalhos. Ele escrevia a introdução de seus boletins e amava fazê-lo como sendo o primeiro. A maioria de seus textos (*mémoires*) apareceu, com o consentimento da Companhia, nestes boletins antes de pertencerem à coleção da Academia.

De Wailly foi também membro do Comitê de trabalhos históricos (*Comité des travaux historiques*) e da Sociedade de história da França (*Société de l'histoire de France*). Aqui também usava sempre de uma autoridade jamais contestada para que fossem aceitas as soluções mais práticas e para prevenir o exagero ou os desvios de planos que pudessem comprometer o sucesso das mais louváveis iniciativas. Assim assegurou M. Delisle a H. Wallon, ao fazer um elogio a M. de Wailly.

Quando foi necessário coletar em um vasto repertório a nomenclatura dos lugares da França, ele foi contra o projeto de reunir em apenas uma série alfabética os nomes do território inteiro e adotou a ideia de dividir o trabalho baseado no volume de departamentos da França. A divisão da França em departamentos era fictícia; mas no começo de um século atravessado por tantas revoluções, podia-se acreditar que ela duraria. Se o primeiro sistema tivesse prevalecido, seriam acumulados durante anos materiais que nunca poderiam ser incorporados e que permaneceriam indefinidamente estéreis. Graças à divisão de trabalho proposta por De Wailly, cerca de 20 departamentos contavam com dicionários – que apresentavam por meio de notas comparativas as formas antigas e as formas modernas de vários nomes de lugares – que podiam oferecer uma grande segurança ao trabalho da história e da filologia.

Chegou um momento em que De Wailly quis afastar-se de todas essas ligações que o unia aos colegas de trabalho. A velhice avançava, deixando-o intacto de espírito e de corpo; mas ele pediu um prazo e quis se recolher, retirando-se, então, de todos os comitês e de comissões, do conselho de aperfeiçoamento da *École des chartes* e pedindo demissão de seu cargo como conservador de manuscritos da Biblioteca Nacional. Na *École des chartes*, quis ter certeza que a presidência que abandonava passaria para boas mãos. E não teve menos consideração com a sucessão de seu cargo na Biblioteca, deixando-o em setembro de 1870, em plena revolução; contudo retira-se confiante. M. Jules Simon era ministro da Instrução Pública. M. Léopold Deslile tornou-se conservador do departamento de manuscritos.

A vida pessoal e as obras sociais

De Wailly foi cruelmente castigado em sua vida pessoal. Sua mulher havia morrido no parto juntamente com o filho que esperava dele (1834). Esse grande luto deixa em sua alma uma impressão cravada em sua fisionomia. Ele não falava a ninguém sobre o infortúnio que o havia cometido, e não dizia nada que o fizesse lembrar disso. Mas em um canto de sua biblioteca, podia-se reparar, ao lado de seus livros, um pequeno quadro com a imagem de um túmulo e, durante o enterro de um amigo no Père-Lachaise, seus colegas puderam aperceber-se de sua ausência. “As grandes dores são mudas”.

No entanto, outra causa deu-lhe forças para enterrar dentro de si a sua dor. Tinha com ele sua mãe e endereçou a ela todas as suas afeições. Ele a queria feliz e teve, então, que vencer sua pena. Indo morar com sua mãe em uma casa em Passy, não mudou os hábitos de vida dela. Lá, levava as pessoas que gostava de ver e tinha com elas reuniões e encontros agradáveis. E o que dizer de sua intimidade, de seu envolvimento e atenção para com os amigos? Com muita solicitude ele os visitava quando estavam doentes ou enfermos, trazendo com seu bom humor a distração da vida de fora; e onde havia crianças deixava-se levar por elas, brincando e participando dos jogos familiares, sem que suspeitassem que o faziam lembrar de seu tempo de criança.

Quando perde sua mãe (em janeiro de 1871), de Wailly começa a retirar-se pouco a pouco do mundo, preparando-se para juntar-se novamente aos seres que ele tanto amava. Foi nesse tempo que se demitiu de todos seus cargos oficiais. Mas, renunciando às funções públicas e aos trabalhos dos comitês literários, estava longe de se retirar completamente para descansar.

Havia em Passy uma grande escola profissional de freiras que ele patrocinava oficialmente; lá havia as escolas para crianças e todas as obras da paróquia. Ele visitava os pobres, os doentes; somente eles podiam dizer o alívio que ele garantia à suas misérias, as consolações que trazia aos seus sofrimentos. Era de uma prodigalidade tamanha nesses atos de beneficência. As comunidades pelas quais se interessava eram bem escrupulosas ao dizer suas necessidades, certas de que ele as preencheria totalmente. Nas escolas, encontrou muita coisa a fazer e, em 1871, não pode crer que a República, que ele nunca gostou, passara para as mãos dos homens que tinham como máxima: *le cléricalisme c'est l'ennemi*. M. de Wailly não se enganava jamais sobre o significado da palavra, e temia que este amor à liberdade, que bania das escolas todo o ensinamento religioso, levasse ao ateísmo. Ele acreditava que a crença em Deus é o começo da sabedoria, hoje e sempre, e a salvaguarda da sociedade.

De Wailly dedica-se então, completamente, ao estabelecimento e à manutenção das escolas livres. Presidente do comitê de Passy, não era apenas o tesoureiro, mas o recebedor geral, um recebedor (coisa rara) que conseguia tirar do caixa mais do que era colocado. Com ele não havia déficit. Se as necessidades aumentavam, as fontes também subiam sempre ao nível da despesa. As escolas não ignoraram a mão beneficente que as ajudou sobreviver; e foi por isso que, no dia de seu funeral, um grupo de crianças, meninas e meninos fizeram para ele um cortejo.

Em 1884, uma erisipela colocou, durante mais de um mês, a vida de M. de Wailly em perigo. Toda semana a Academia e seus colegas de trabalho recebiam com ansiedade as novidades mais recentes sobre seu estado. Ele voltava e reaparecida entre eles, porque sua obra ainda não estava concluída e faltava uma coisa para o coroamento de seus trabalhos. De Wailly se ocupava na época da

ARQUIVO
NACIONAL
(BRASIL)
Acervo
Bibliográfico

*Imitation de Jésus-Christ*³⁰, e queria fazer deste livro quase sacro uma edição à altura daquilo que compusera. Mas, para tanto, foi necessário recorrer aos manuscritos mais antigos, compará-los, organizá-los por família e por este caminho remontar, se fosse possível, à própria fonte. Este foi o trabalho mais longo que realizou; quis fazer uma versão que fosse levada a todo mundo.

Imitation é um livro para meditar. Com objetivo de apoiar o leitor na meditação, cada capítulo é acompanhado de uma reflexão sobre os artigos compostos. No quarto livro, que trata do divino mistério em um diálogo íntimo entre a *Maître-bien-aimé* e o *Disciple fiel*, ele reproduz fielmente as preces de padres, santos ou doutores. Nos outros livros, adiciona suas reflexões com uma curta prece. E nada nos mostra melhor aquele grau de perfeição cristã; para falar sobre caridade e humildade, nosso sábio colega chegou a penetrar, ainda, na substância dos livros santos.

Apresentam-se aqui citações da reflexão sobre a morte, que ele, como cristão, esperava e previa:

Bem-aventurados aqueles que sempre têm a hora de sua morte diante de seus olhos e se preparam para morrer a cada dia. (*Bienheureux qui a toujours l'heure de as mort devant les yeux et qui se prepare chaque jour à mourir* - I, XXIII, 2).

Não é a morte súbita que é a mais assustadora, e sim a morte imprevista. Uma é um acidente contra qual a prudência nada pode; ela espera aquele que procura evitá-la. A outra é um perigo que ameaça somente os imprudentes e que estão sempre livres de escapar. Não tentemos então fugir da morte súbita, mas fujamos do pecado, a fim de estarmos sempre prontos para morrer bem. Fujamos do pecado no presente, mas voltemos também ao passado para encontrarmos aí traços de falhas antigas, e nunca deixemos de evocar nossas lembranças. Não esperemos a última hora para examinarmos as amarguras de nossa alma; é uma tarefa que devemos recomeçar frequentemente para fazer o bem. É assim que o pensamento da morte, mantido em nossa alma, nos ajuda a purificar o passado para arrependê-lo, para santificar o presente por meio das boas obras e nos fortalecer para o último combate.

Alguns dias depois de ter terminado o livro, M. de Wailly ficou doente (em 4 de dezembro de 1886); seus colegas não podiam prevê-lo, mas ele já estava preparado para isso.

Ao final, Wallon (1888, p. 18) declara sua admiração e carinho pelo amigo³¹.

“Ele nos deixou uma memória digna de inveja. Seu caráter franco e aberto, seu espírito benevolente, seu humor sempre alegre e brincalhão faziam com que

³⁰ Em latim, “*de imitatione christi*” (final do século XIV - início do XV) a obra foi discutivelmente atribuída ao monge alemão Thomas a Kempis, e representa o movimento de reforma espiritual conhecido como *devotio moderne* (Nota dos tradutores).

³¹ Comentário dos tradutores.

todos se aproximassem cada vez mais dele à medida que o conheciam melhor. Nunca houve amizade mais sólida, mais clara, mais sincera e segura. Seus trabalhos serão modelos e instrumentos de estudo ao mesmo tempo para aqueles que se ocupam da Idade Média. Quem quiser ler Joinville ou Ville-Hardouin da forma mais pura, usará o texto de M. de Wailly e assim o conhecerá. Essas duas edições perpetuarão as lembranças desses dois grandes historiadores; mas seu último pequeno livro, por meio das reflexões que fez com toda a sua alma, será seu melhor título para imortalizá-lo e consagrá-lo.”

Referências

ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLE-LETTRES, 2010.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, 2010.

WALLON, H. Notices sur la vie et les travaux de M. Natalis de Wailly. **Extrait de la Bibliothèque de l'École des Chartes**, 1888, pp. 01-28.

